


**O mundo do trabalho sob a perspectiva dos nascidos em tempos líquidos:
uma sequência didática com estudantes do Ensino Médio**


**The world of work from the perspective of those born in liquid times:
a didactic sequence with High School students**

**El mundo del trabajo desde la perspectiva de los nacidos en tiempos
líquidos: una secuencia didáctica con estudiantes de Educación Media**

Regina Aparecida Messias Guilherme*

 <https://orcid.org/0000-0002-6943-3985>

Silvana Souza Netto Mandalozzo**

 <https://orcid.org/0000-0003-4447-2889>

Resumo: Este artigo está delineado na esteira teórica baumaniana, em um relato de experiências extensionistas com o objetivo de articular as práticas relacionadas à compreensão da fluidez do mundo do trabalho na contemporaneidade. A análise dá-se sob a óptica dos estagiários de Ensino Médio, os “nascidos em tempos líquidos” – nos termos de Bauman e Leoncini (2018) –, que experienciam o trabalho na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e participam do curso de extensão “Produções Textuais Interculturais”, em meio a tanta liquidez. Foi aplicada uma sequência didática (Silva; Catão; Silva, 2020), composta por dez aulas, que contou com a leitura e a interpretação de textos verbais e não verbais, observando a “uberização” do mundo do trabalho e o futuro das profissões. O resultado integra a triangulação entre pesquisa, ensino e extensão, considerando esta como o cenário do percurso instaurado à luz das categorias trabalho e educação como fenômenos sociais.

Palavras-chave: Educação. Ensino Médio. Mundo do trabalho.

Abstract: This article is grounded in Bauman’s theoretical framework and presents an account of extension experiences aimed at articulating practices related to understanding the fluidity of the contemporary world of work. The analysis focuses on high school interns, the so-called “born in liquid times” – as defined by Bauman and Leoncini (2018) –, who are engaged in work activities at the State University of Ponta Grossa (UEPG) and participating in the extension course “Intercultural Textual Productions,” amid this context of intense liquidity. A didactic sequence (Silva; Catão; Silva, 2020), consisting of ten classes, was implemented, involving the reading and interpretation of verbal and non-verbal texts, with a focus on the “uberization”

* Professora assistente do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). *E-mail:* <reginaguilherme@uepg.br>.

** Professora associada do Departamento de Direito das Relações Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas (PPGCSA) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). *E-mail:* <silvanasouza@uepg.br>.

of work and the future of professions. The results are part of a triangulation between research, teaching, and extension, considering the latter as the setting for a process established in light of work and education as social phenomena.

Keywords: Education. High School. World of work.

Resumen: Este artículo se basa en el marco teórico de Bauman y presenta un relato de experiencias extensionistas con el objetivo de articular prácticas relacionadas con la comprensión de la fluidez del mundo del trabajo en la contemporaneidad. El análisis se centra en pasantes de Educación Media, los llamados “nacidos en tiempos líquidos” – según la definición de Bauman y Leoncini (2018) –, quienes realizan prácticas laborales en la Universidad Estatal de Ponta Grossa (UEPG) y participan en el curso de extensión “Producciones Textuales Interculturales”, en medio de un contexto de gran liquidez. Se aplicó una secuencia didáctica (Silva; Catão; Silva, 2020), compuesta por diez clases, que incluyó la lectura e interpretación de textos verbales y no verbales, con énfasis en la “uberización” del trabajo y el futuro de las profesiones. Los resultados forman parte de una triangulación entre investigación, docencia y extensión, considerando esta última como el escenario de un proceso desarrollado a la luz de las categorías trabajo y educación como fenómenos sociales.

Palabras clave: Educación. Educación Media. Mundo del trabajo.

Introdução

Em uma sociedade em que o trabalho desempenha um papel central, também cabe considerar que a educação não seja vista apenas como uma coadjuvante na formação integral dos estudantes. A educação, nesse contexto, precisa estar articulada às questões e demandas atuais e, principalmente, contribuir para que os estudantes consigam construir novos significados a partir dos conhecimentos conquistados ao longo de todo o processo de escolarização.

Zygmunt Bauman foi um dos muitos sociólogos que pensaram e discutiram questões como a educação e o trabalho (dentre muitas outras) ao longo de mais de 40 anos de produção durante o século XX e a primeira década do século XXI (Bauman, 2001, 2004, 2007a, 2007b, 2008, 2021). Segundo esse pensador, a sociedade passou por um processo complexo e multifatorial que a transformou e ressignificou, tornando-a, segundo o autor, menos sólida e mais líquida.

É nesse contexto de uma sociedade líquida e fluída que este estudo, de caráter bibliográfico, se insere, a partir dos pressupostos de Bauman (2001, 2004, 2007a, 2007b, 2008, 2021) e, assim, contempla o presente relato de experiências, nas quais estiveram presentes as aulas de uma sequência didática para jovens estudantes do Ensino Médio, participantes do curso de extensão “Produções Textuais Interculturais”, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), no segundo semestre de 2024.

Os estudantes realizaram pesquisas, participaram de rodas de conversa e palestras, construíram mapas mentais e materializaram textualmente as suas perspectivas acerca do seu futuro e do trabalho, durante a aplicação da sequência didática. A tematização do trabalho na sociedade da qual esses jovens estudantes fazem parte teve, ainda, como ponto de partida, alguns questionamentos levantados a partir da leitura da obra *A metamorfose*, do escritor alemão Franz Kafka.

Por meio da relação dialógica entre professores e estudantes, foi acordada uma ampliação das discussões, configurando-se, assim, como uma pesquisa-ação, nos termos de Thiollent (1988, p. 8), a qual tem como um “[...] dos principais objetivos dessa proposta [...] dar aos pesquisadores e grupos de participantes os meios de se tornarem capazes de responder com maior eficiência aos problemas da situação em que vivem, em particular sob forma de diretrizes de ação transformadora”.

A pesquisa-ação tem sido muito utilizada na área da Educação e em outras áreas do conhecimento. Thomson (2022, p. 86) argumenta que ela tem como objeto principal de investigação a “[...] situação social e as possibilidades de resolvê-las (ou de esclarecer alguns de seus princípios)”. Isso implica afirmar que a pesquisa-ação educacional pode ser entendida como um esforço coletivo de responder a um determinado problema situado no tempo e no espaço. A sequência didática esteve organizada segundo os pressupostos da pesquisa-ação de Thiollent (1988), e a análise dos dados foi realizada a partir da Análise de Conteúdo de Minayo (2006, 2009).

Os nascidos em tempos líquidos conseguiram refletir sobre a centralidade do trabalho no mundo em transformação, compreenderam a importância da formação continuada, de cursar uma graduação, de conviver com a diferença, aprenderam a ler anúncios de emprego, a elaborar um currículo e a estar preparados e abertos para as mudanças. Com a ação extensionista do curso “Produções Textuais Interculturais”, está posta uma experiência prática que aproxima e coloca acadêmicos, professores, palestrantes convidados e profissionais do mundo do trabalho em um diálogo aberto e educativo com estagiários do Ensino Médio que fazem parte do supracitado curso de extensão. Nas rodas de conversa, também estão previstas diferentes práticas de formação educativa, pelas vias do trabalho decorrente da educação não formal, que está assegurada aos estudantes do Ensino Médio pela parceria da UEPG com a Secretaria Estadual da Educação (SEED) e o Núcleo Regional da Educação (NRE) do Município de Ponta Grossa, Paraná.

A sequência didática, que é um instrumento que pode contribuir para a compreensão de um ou mais fenômenos, foi aplicada em encontros semanais de duas horas e meia e contou com a participação de 15 estudantes do Ensino Médio que atuam como estagiários na UEPG no contraturno escolar. Haja vista a condição dos estagiários do Ensino Médio participantes dessa caminhada extensionista, foi possível, ao final dessa jornada formativa, orientá-los e ajudá-los a compreender a importância de refletir sobre o futuro e que tipos de trabalhos são possíveis na sociedade contemporânea. Além disso, situar o papel que o trabalho desempenha nessa sociedade e, principalmente, reconhecer que ele é uma parte importante, mas não a única atividade de suas vidas.

Para a compreensão do que representa o atual mundo do trabalho, com suas *performances* e exigências – em especial para proceder a uma observação do que cabe à educação em suas respectivas integrações com o sentido do atual Ensino Médio –, nesta análise estão apontados seis percursos. Estes seguem para instaurar uma análise reflexiva que nasceu de uma sequência didática, construída a partir de leituras interculturais sobre o mundo do trabalho. Assim, está delineada a presente produção bibliográfica, que elucidou o estudo realizado à luz da vertente baumaniana.

Para tanto, a configuração deste artigo, no seu primeiro percurso, apresentou esta introdução que lançou os encaminhamentos percorridos ao longo dessa trajetória. Como segundo percurso, discute-se a educação e o trabalho na sociedade líquido-moderna, na qual os nascidos em tempos líquidos projetam sua vida e seu trabalho de formas fluídas e em uma complexa distribuição no cotidiano. O terceiro percurso situa o Novo Ensino Médio (NEM) mediante suas interlocuções com a educação e o mundo do trabalho, a fim de contextualizar as implicações das reformas que esta última etapa da Educação Básica enfrenta na atualidade. Já o quarto percurso revela a sequência didática como uma possibilidade de vivências educativas, oportunizadas na integração com a caminhada extensionista, que baliza os sentidos do ensino e da pesquisa como fontes que constituíram o engajamento dos estudantes participantes.

O quinto percurso apresenta, por sua vez, os resultados e a discussão que este artigo contempla, a fim de alicerçar uma leitura sobre o mundo do trabalho sob a perspectiva dos nascidos em tempos líquidos, uma vez que estes estão vivendo as transições que o NEM está inaugurando na realidade brasileira. Por fim, o sexto percurso revela as considerações finais, com o intuito de

explicitar o alcance e o movimento que o trabalho e a educação, como fenômenos, sofrem em meio aos impactos da sociedade líquida, na qual nada é permanente.

Educação e trabalho na sociedade líquido-moderna

Este estudo tem como objetivo discutir os fenômenos da educação e do trabalho sob a perspectiva daqueles a quem Bauman e Leoncini (2018) chamam de “os nascidos em tempos líquidos”, ou seja, dos jovens do século XXI que vivem em um tempo no qual o mundo de que fazem parte se tornou dividido entre “[...] dois mundos nitidamente distintos um do outro, entidades plenas e verdadeiramente antípodas, e a tarefa de conciliá-los e forçá-los a sobrepor-se está entre as competências que a arte da vida do século XXI exige que tenhamos, que façamos nossa e utilizemos” (Bauman; Leoncini, 2018, p. 37).

Nesse sentido, o crítico da educação conservadora Marc Prensky argumenta que esta “[...] civilização está agora em um processo de mudança” e, para o referido autor, “[...] aqueles lugares do mundo que tomarem medidas rápidas e apropriadas para implementar um novo paradigma educacional serão aqueles em que as crianças prosperarão” (Prensky, 2017, tradução própria).

O modelo de educação que perdurou por todo o século XX não tem mais espaço na atual configuração social, e algumas mudanças precisam ser feitas urgentemente, principalmente nas maneiras como os estudantes são ensinados e aprendem. A educação, na perspectiva de Prensky (2019, tradução própria), “[...] não é simplesmente o processo no qual passamos o passado da humanidade, é onde criamos o futuro”. Diante disso, o autor assevera que “[...] a educação de hoje não deve ser apenas relevante ou autêntica, mas real. Não apenas preparar os estudantes para algum teste baseado em ‘padrões’, mas prepará-los para lidar com problemas do nosso – e, especialmente – do cotidiano dos estudantes” (Prensky, 2019, tradução própria).

Bauman (2007a, p. 9) destaca que, contemporaneamente, “[...] a ‘sociedade’ é cada vez mais vista e tratada como uma ‘rede’ em vez de uma estrutura. [...] ela é percebida e encarada como uma matriz de conexões aleatórias e de um volume essencialmente infinito de permutações possíveis”. Bauman (2007b, p. 7) argumenta que:

A ‘vida líquida’ e a ‘modernidade líquida’ estão intimamente ligadas. A ‘vida líquida’ é uma forma de vida que tende a ser levada à frente numa sociedade líquido-moderna. ‘Líquido-moderna’ é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. [...]. A vida líquida, assim como a sociedade líquida-moderna, não pode manter a forma ou permanecer em seu curso por muito tempo.

Na sociedade líquido-moderna, os nascidos em tempos líquidos vão viver e trabalhar de maneiras fluídas e distribuídas no tempo e no espaço. No momento em que a vida humana tem se tornado mais digitalizada, os seres humanos do século XXI precisam compreender sua vida líquida (Bauman; Leoncini, 2018), pois, no mundo *online*, os jovens estudantes passam horas conectados, rolando *feeds* e assistindo a vídeos de curta ou longa duração em aplicativos como o *TikTok* e o *YouTube*, onde *influencers* e *videomakers* materializam discursos sobre trabalhos que lhes parecem prazerosos, fáceis e, principalmente, altamente rentáveis. Nessa perspectiva, Bauman e Leoncini (2018, p. 36) afirmam que: “O advento da *web* tornou de repente realistas as nossas esperanças de notoriedade, mas, tendo-a colocado enganosamente ao nosso alcance, tornou a notoriedade quase obrigatória – embora com uma chance de obtê-la semelhante à de ganhar o primeiro prêmio da loteria”.

Nesse cenário, o educador pode desempenhar um papel importante no processo de elaboração de outras (ou novas) narrativas sobre o futuro e o trabalho na sociedade contemporânea. Bauman (2001, p. 145) argumenta que, na sociedade líquida, o trabalho “[...] mudou de caráter [...] e adquiriu – ao lado de outras atividades – uma significação principalmente estética”. Nesse contexto, o sociólogo polonês pontua que:

Espera-se que o trabalho seja satisfatório por si mesmo e em si mesmo, e não mais medido pelos efeitos genuínos ou possíveis que traz a nossos semelhantes na humanidade ou ao poder da nação e do país, e menos ainda à bem-aventurança das futuras gerações. Poucas pessoas apenas – e mesmo assim raramente – podem reivindicar privilégio, prestígio ou honra pela importância e benefício comum gerados pelo trabalho que realizam (Bauman, 2001, p. 146-147).

Ao discutir sobre a modernidade sólida, que predominou durante o século XX, Bauman (2001, p. 152) afirma que ela era,

[...] de fato, o tempo do capitalismo pesado, do engajamento entre o capital e o trabalho fortificado pela mutualidade de sua dependência. Os trabalhadores dependiam do emprego para sua sobrevivência; o capital dependia de empregá-los para a sua reprodução e crescimento. Seu lugar de encontro tinha endereço fixo, nenhum dos dois poderia mudar-se com facilidade para outra parte – os muros da grande fábrica abrigavam e mantinham os parceiros numa prisão compartilhada. Capital e trabalhadores estavam unidos, pode-se dizer na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, até que a morte os separasse.

Tal como o trabalho antigo, o “até que a morte nos separe”, como pontua Bauman (2004, p. 140), foi “[...] desestabilizado pela coabitação ‘vamos ver como funciona’, reconhecidamente temporária, [e] é substituído pelo ‘ficar juntos’, de horário parcial ou flexível”. Nessa configuração flexível, “[...] a finalidade da educação é contestar o impacto das experiências do dia a dia, enfrentá-las e, por fim, desafiar as pressões que surgem do ambiente social” (Bauman, 2007b, p. 21).

Se o mundo atual é líquido e dinâmico, logo, o conhecimento também o é. O que é certo e relativamente estável hoje pode não ser amanhã pela manhã, de modo que tudo aquilo que a escola oferece aos estudantes deve, na mesma medida, passar por uma constante atualização. Nesse sentido, Bauman, em entrevista a Alba Porcheddu (2009, p. 669), aponta que os “[...] praticantes de uma vida fatiada em episódios, cada um dos quais com um novo início e um fim brusco, não têm necessidade de uma educação que busque lhes fornecer os instrumentos idôneos para um mundo invariável [...]”.

Na atual sociedade flexível e líquida que os estudantes do NEM estão vivendo, ainda há um vácuo que tange às escolhas profissionais, quando estas são vinculadas aos projetos de vida que tais sujeitos sociais precisam realizar – principalmente porque enfrentam a dificuldade de estudar e trabalhar simultaneamente.

O Novo Ensino Médio e as suas interlocuções com a educação e o mundo do trabalho

A presente temática está contemplada à luz da compreensão baumaniana acerca da composição da relação e das manifestações que a educação e o trabalho exercem na vida dos estudantes, que aqui estão identificados como sendo os nascidos em tempos líquidos. Considerando as relações de espaço/tempo que a modernidade imediata trouxe, em especial para as relações de trabalho, e a necessidade de suplantar aquela modernidade sólida em que tudo era perene e certo – mas cuja solidez tornou-se porosa e incerta. Essa realidade porosa, que vivenciamos na atualidade, também está situada em um território flutuante e, nessa acepção,

Bauman (2021) acredita que só se adaptam coisas ou pessoas fluídas, que estejam em um estado de permanente transformação. Bauman (2021, p. 259) reforça ao mencionar que:

Michel Maffesoli (em *Du nomadisme: Vagabondages initiatiques*, 1997) escreve sobre o mundo que todos habitamos nos dias de hoje como um ‘território flutuante’ em que ‘indivíduos frágeis’ encontram uma ‘realidade porosa’. A esse território só se adaptam coisas ou pessoas fluídas, ambíguas, num estado de permanente transformar-se, num estado constante de autotransusão. O ‘enraizamento’, se existir, só pode ser dinâmico: ele deve ser reafirmado e reconstituído diariamente – precisamente pelo ato repetido de ‘autodistanciamento’, esse ato fundador, iniciático, de ‘estar de viagem’ na estrada.

A partir dessa reconstituição diária que Bauman (2021) elucida, também está pautada a presente iniciativa extensionista, visando corporificar a transformação de práticas que, muitas vezes, estão enraizadas nos currículos do Ensino Médio – os quais precisam ser reconstituídos e ressignificados.

Em especial, nos reflexos que a emancipação, a individualidade e o trabalho, com suas mudanças, trouxeram para o cotidiano vivido dos estudantes. Dessa forma, observa-se que os estudantes do Ensino Médio atual, sujeitos da realidade multifacetada desta última fase da Educação Básica – que passa por uma crise estrutural e dicotômica no cenário da educação brasileira – enfrentam como consequência os itinerários formativos configurados na reformulação do NEM. Tal *performance* curricular demarca a necessidade de um NEM que está preconizado para ser alterado imediatamente, em pleno século XXI, com o objetivo de aperfeiçoar os itinerários formativos dos estudantes e, também, ponderar pautas que o mundo do trabalho conclama, a partir das exigências dos cenários da produção e da competitividade. Nessa lógica, Bauman (2021, p. 40) explicita:

A sociedade que entra no século XXI não é menos moderna que a que entrou no século XX; o máximo que se pode dizer é que ela é moderna de um modo diferente. O que a faz tão moderna como era mais ou menos há um século é o que distingue a modernidade de todas as outras formas históricas do convívio humano: a compulsividade e obsessiva, contínua, irrefreável e sempre incompleta modernização; a opressiva e inerradicável, insaciável sede de destruição criativa (ou de criatividade destrutiva, se for o caso: de ‘limpar o lugar’ em nome de um ‘novo e aperfeiçoado’ projeto; de ‘desmantelar’; ‘cortar’; ‘defasar’, ‘reunir’ ou ‘reduzir’ tudo isso em nome da maior capacidade de fazer o mesmo no futuro – em nome da produtividade ou da competitividade.

Assim, na sociedade brasileira, aproximar os itinerários formativos do NEM torna-se um “novo e aperfeiçoado” projeto que poderá “defasar” a realidade dessa última etapa da Educação Básica. Por isso, muitos estudantes do Ensino Médio brasileiro aparentam poder optar apenas por trabalhar e, por conseguinte, perder o sentido de prosseguir estudando.

Esse último fator poderá ocorrer pelo desmantelamento da estrutura do Ensino Médio, em meio às alterações de cargas horárias que estão preconizadas em seu currículo prescrito. Com base nessa vertente irrefreável e sempre incompleta da reforma que o Ensino Médio brasileiro apresenta, convém adentrar essa conjuntura educacional e social para projetar o que compete à formação dos estudantes dessa etapa de escolaridade e, ao mesmo tempo, absorver as explicitações que Bauman (2021, p. 204) faz sobre a “política da precarização” conduzida pelos operadores dos mercados de trabalho – política que acaba sendo apoiada e reforçada pelas políticas da vida, sejam elas adotadas deliberadamente ou apenas por falta de alternativas.

A esse respeito, parece que, nas políticas voltadas para a reforma do Ensino Médio, estão presentes metas para adotar um currículo prescrito para depois descartá-lo, a exemplo das impressões de Bauman (2021, p. 203), que advertia:

Condições econômicas e sociais precárias treinam homens e mulheres (ou os fazem aprender pelo caminho mais difícil) a perceber o mundo como um contêiner cheio de objetos *descartáveis*, objetos para *uma só* utilização; o mundo inteiro – inclusive outros seres humanos. Além disso, o mundo parece ser constituído de ‘caixas pretas’, hermeticamente fechadas, e que jamais deverão ser abertas pelos usuários, nem consertadas quando quebram.

A análise baumaniana é perspicaz ao apontar que, nesse treinamento, tudo parece ser descartado. A esse referente, corresponde a permanente interpelação ética que está faltando ocorrer no contexto da função social que o Ensino Médio percorre e assume na sociedade. A experiência apresentada ao longo dos momentos reflexivos gerados nas rodas de conversa com os estagiários participantes da ação extensionista oportunizou uma releitura do mapeamento dos itinerários formativos – de como o NEM está sendo inaugurado por eles. Para tal amplitude, foi possível estabelecer uma interlocução com os sentidos que a educação vem enfrentando mediante as cobranças que o mundo do trabalho passa a impor.

A educação e o mundo do trabalho parecem não conviver em harmonia no cenário brasileiro. Isso se deve ao fato de que as convergências curriculares sofrem transições oriundas de políticas governamentais marcadas por descompassos, promovendo, frequentemente, uma ampliação para menos em seus encaminhamentos econômicos – o que reforça a lógica da desigualdade social diante da crise da escola na contemporaneidade. Assim, Algebaile (2009, p. 70) analisa que:

Num contexto do capitalismo avançado, no qual se dá destaque aos limites contemporâneos da escola na realização de funções que antes eram bastante consolidadas e agora se mostram abaladas, sobretudo em face da fragilização de outras instituições (como o sistema de classificações do trabalho, a inserção das proteções sociais), que jamais se implantaram plenamente no Brasil.

Para estabelecer uma linha do tempo, Guimarães (2025), ao situar o cenário do Ensino Médio, apresenta sua análise para apontar as muitas transições que essa etapa vem enfrentando e, assim, intitula seu artigo como “Novo Ensino Médio, de novo”, no qual aborda as transições e as preparações para o ano de 2025 – apontando este como um ano de transição para as mudanças a serem implementadas em 2026. Nesse sentido, entre 2016 e 2024 – quando, há oito anos, o Brasil iniciou uma reforma –, a Lei nº 14.945, de 31 de julho de 2024 (Brasil, 2024), resgatou muitos detalhes da Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017 (Brasil, 2017), trazendo a materialidade de uma nova conjuntura para a educação.

A Lei nº 13.415/2017 definiu que a implementação das mudanças para a última etapa da Educação Básica estaria para ser iniciada em 2020 (Brasil, 2017); no entanto, a pandemia de covid-19 impactou essa programação, postergando o início para o ano de 2022. Como o Ensino Médio brasileiro vem transitando por mudanças sucessivas, novamente, em 2024, foi sancionada uma nova lei para alterar pontos da reforma original, trazendo para o ano de 2025 uma mera transição e estabelecendo a vigência da reforma para 2026.

No que se refere ao esvaziamento do currículo e aos vários anos de mudanças incompletas no cenário das políticas educacionais voltadas ao Ensino Médio, Guimarães (2025, p. 4) evidencia que:

Na verdade, a julgar pelo volume e profundidade das críticas que vêm sendo feitas ao NEM desde que ele foi apresentado na forma de Medida Provisória, as mudanças que a lei 14.945 trouxe não foram tantas quanto se esperava. Mais do que isso, elas não atenderam à principal reivindicação da sociedade civil organizada que, na Conferência Nacional de Educação (Conae) extraordinária realizada em janeiro de 2024, defendeu

nada menos do que a revogação da reforma. Ainda assim, não se pode negar que alguns dos pontos considerados mais danosos da legislação anterior foram alterados.

E assim chegou o roteiro do NEM, caracterizando uma adaptação dos currículos prescritos à nova legislação. Como marco histórico, ocorreu a demarcação ideológica da Medida Provisória nº 746, de 22 de setembro de 2016, assinada pelo ex-presidente Temer, que iniciou a Reforma do Ensino Médio (Brasil, 2016), mesmo diante de várias críticas contrárias; afinal, a crise dessa etapa da Educação Básica já tem um longo histórico de demora.

No entanto, a Lei nº 14.945/2024 (Brasil, 2024) apresenta como principal mudança a ampliação da carga horária da Formação Geral Básica (FGB), pois a Lei nº 13.415/2017 (Brasil, 2017) determinava um máximo de 1.800 horas, e a atual estabelece um mínimo de 2.400 horas. Guimarães (2025) reforça essa análise ao apontar que, a partir da nova lei, haverá de fato uma ampliação da carga horária da FGB. Como resultado, a carga horária total permanece a mesma – no mínimo 3.000 horas –, porém os estudantes, ao longo dos três anos do Ensino Médio, deverão cursar 80% de componentes curriculares obrigatórios, resultantes das áreas do conhecimento, conforme estabelece a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018). Os 20% restantes, representados pelas 600 horas, estarão distribuídos nos itinerários formativos, compondo a parte flexível que integra os percursos educacionais estruturantes. Nessa parte, estará presente a livre escolha dos estudantes, facultando-lhes o aprofundamento em uma ou mais áreas do conhecimento, o que pode incluir também a formação técnico-profissional.

O maior impacto foi a parcela da carga horária que cresceu para a FGB, diminuindo para o itinerário. Portanto, a principal mudança recai sobre a distribuição dos itinerários formativos, agora definidos como percursos de aprofundamento dos conteúdos da FGB. No contexto do trâmite das políticas e inovações no currículo do NEM como um todo, também foi originado um espaço de diálogo nas pautas da sequência didática exercida, em que cada estudante apontou o itinerário que mais se aproxima do curso pretendido. Assim, houve uma ampliação dos significados que a conjuntura do NEM vem imprimindo em seus projetos de vida, especialmente em sintonia com as informações e reflexões originadas pelo conjunto das temáticas do curso extensionista em tela.

Os encaminhamentos que o NEM apresenta, frente aos itinerários formativos, abrangem os interesses e os projetos de vida dos estudantes, que poderão escolher áreas de aprofundamento, com a possibilidade de optar por cursos técnicos integrados ao Ensino Médio. Isso também atribui ao NEM seu caráter de personalização do currículo, ao preencher a lacuna da flexibilização, por meio da qual os estudantes podem direcionar seus estudos para as áreas de seus respectivos interesses.

Nessa perspectiva, os projetos de vida contemplam a válvula mestra que a personalização curricular pretende trazer para o NEM, dando movimento à natureza presente dos sentidos que os estudantes definirão à luz de suas escolhas. Na planificação das temáticas que inspiram tais escolhas, também estiveram ancoradas as pautas da sequência didática, em sintonia com os significados do projeto de vida, os quais orientam os interesses pelas áreas profissionais pretendidas. Como alicerce da articulação entre educação e trabalho, em sintonia com o que representa o NEM, está a configuração e o desenvolvimento de competências e habilidades relevantes para o mercado de trabalho, trazendo como consequência o engajamento crítico necessário ao percurso e à realização dos ideais de cada estudante.

No entanto, a forma aligeirada como o NEM vem sendo prescrito traz impactos que talvez ainda não estejam totalmente revelados. Cabe advertir que a pouca interlocução com o mundo do trabalho poderá provocar casos de abandono escolar. Isso ocorre devido ao aumento do tempo

integral na escola, aliado à identidade pessoal dos estudantes do Ensino Médio que precisam trabalhar e, por consequência, podem abdicar de prosseguir estudando – situação em que a evasão escolar se faz presente, impactando o cenário educacional.

A escola brasileira ainda não conseguiu traçar um denominador comum com o mundo do trabalho, por não equalizar o currículo prescrito ao currículo vivido por seus estudantes trabalhadores – jovens que, subsumidos pela lógica capitalista, acabam faltando à escola para permanecer em frentes de trabalho que garantem sua subsistência imediata, o que se torna um compromisso inadiável. Nesse sentido, convém lembrar que a evasão escolar impacta a realidade social, especialmente no que tange à inserção dos estudantes em percursos de empregos precários, ainda que esses estejam tutelados pela vigência de estágios no Ensino Médio como um itinerário de passagem.

A sequência didática como possibilidade de vivências educativas: uma experiência extensionista

As ações extensionistas dentro das quais estiveram as reflexões da sequência didática que baliza a presente abordagem servem para elucidar a responsabilidade social de uma universidade pública, integrada ao NRE de Ponta Grossa, que anualmente recebe os estagiários de Ensino Médio da rede estadual. Nessa perspectiva, a experiência didática aproximou temas plurais e interculturais como um vetor de vivências dos estudantes, considerando seus projetos de vida – decorrentes dos princípios do NEM – e em meio às interpelações éticas que deram novos significados aos sentidos do trabalho potencializado na vida de cada um.

A sequência didática foi planejada para constituir o engajamento dos estagiários de Ensino Médio, considerando que estes desenvolveram diversas habilidades, tais como a oralidade e a escrita, em uma compreensão da leitura como uma questão pedagógica, linguística e social ao mesmo tempo, conforme recomenda Orlandi (1996). Por conseguinte, a sequência didática apresentou flexibilidade e adaptabilidade às diferentes necessidades do desenvolvimento de habilidades dos participantes, ao posicionar a aprendizagem significativa. Esta se concretizou à luz de pautas interculturais, ordenadas por atividades integradas entre as áreas de Língua Portuguesa, Língua Espanhola, Língua Inglesa, bem como Sociologia e Filosofia.

Assim, foi ampliado o repertório curricular dos estudantes nas temáticas desenvolvidas de forma interativa, como Zabala (1998) prescreve, ao evidenciar o princípio do estudante como protagonista de seu próprio processo de aprendizagem. Esteve presente, portanto, um conjunto de experiências voltadas à compreensão da intencionalidade e dos sentidos da fluidez do mundo do trabalho, enfrentado por esses estudantes em seus percursos e projetos de vida – a exemplo do que o NEM vem prescrever.

A UEPG oportuniza 15 vagas de estágio para estudantes do Ensino Médio, com destinação exclusiva à rede estadual por meio do NRE. O estágio ofertado pela UEPG aos estudantes da rede pública segue em consonância com a Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008 (Brasil, 2008), estando também assegurada a previsão dos Termos de Compromisso de Estágio, com duração de um ano letivo, sob a anuência dos pais ou responsáveis e dos próprios estudantes. Assim sendo, são preenchidos os requisitos básicos de matrícula efetiva na escola pública, a qual também realiza a supervisão e o acompanhamento contínuo do desenvolvimento do estudante, durante o período do estágio, em acatamento aos preceitos éticos.

Os encontros aconteceram semanalmente, no segundo semestre de 2024, no período vespertino, e contaram com a participação de 15 estudantes oriundos de escolas públicas da cidade

de Ponta Grossa, no *campus* Uvaranas. Os estudantes participantes do “Produções Textuais Interculturais” não formam um grupo homogêneo. São estudantes regularmente matriculados no primeiro, segundo e terceiro ano do Ensino Médio. Estudantes que estagiam em busca “de uma vida melhor”, “de um futuro promissor”, “para conquistar sua independência” ou, ainda, como relatam alguns deles: “para ajudar em casa”.

Essa pluralidade de lugares da cidade, de anos escolares e de interesses individuais atende à proposta do “Produções Textuais Interculturais”, que tematiza os mais diversos gêneros textuais verbais e não verbais, com o intuito de contribuir para o desenvolvimento crítico e reflexivo dos estudantes. Para tanto, estão presentes grandes áreas da Língua Portuguesa, da Língua Espanhola e da Língua Inglesa, além da Sociologia e da Filosofia, de maneira plural, intercultural e interdisciplinar, de modo a instaurar a participação dos estudantes. Estes também refletiram sobre as interpelações éticas que o cenário do trabalho realizado na UEPG pode inspirar e integrar ao cotidiano escolar por eles vivenciado.

Michel de Certeau considera que a cultura é plural e, para ele, “[...] uma cultura monolítica impede que as atividades criadoras se tornem significativas” (Certeau, 2012, p. 142). Logo, uma multiplicidade de vozes e perspectivas, articuladas por um ambiente criado e pensado para ser benéfico ao desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes em formação, é essencial – especialmente diante da complexidade do trabalho e da materialidade do que o NEM vem representar em suas vidas.

Em face dessa configuração dinâmica, Bauman e May (2010, p. 185-186) consideram que “[...] nesse processo, evidencia-se que a vida não é feita de realizações, mas também se refere a ocorrências e processos que, em geral, não são parte de nossos entendimentos corriqueiros” e, segundo os autores, “pensar sociologicamente é central para essa tarefa” (Bauman; May, 2010, p. 186).

Para alicerçar a base epistemológica de natureza filosófica da vida cotidiana por meio das pautas interculturais, os estudantes participaram de uma atividade individual e coletiva de leitura e interpretação de uma das obras mais conhecidas de Franz Kafka, *A metamorfose*. Após a realização da tarefa, foi organizada uma roda de conversa em que os estudantes puderam manifestar livremente suas impressões acerca do livro e das relações com seu dia a dia.

Os dramas e as aventuras de Gregor Samsa¹ conquistaram os estudantes e abriram novas perspectivas e inquietações: “até onde o homem pode chegar?”, “o que nos torna humanos?”, “aparentemente só temos serventia se somos úteis?”, perguntou-se um dos estudantes. Esse conjunto de perguntas contribuiu para que fosse ampliado o número de aulas, na tentativa de que estas contribuíssem para que os estudantes pudessem alcançar uma certa compreensão do homem e do trabalho contemporâneo – que coexistem em um tipo de sociedade caracterizada por sua fluidez e flexibilidade, nos termos de Bauman (2001, 2004, 2007a, 2007b, 2008, 2021). A necessidade de ampliar o debate, levantado pelos próprios estudantes, implicou a realização de uma sequência didática mais abrangente, que potencializasse, esclarecesse e discutisse o papel do trabalhador na atual conjuntura social, econômica e cultural.

A *Revista Exame*, de dezembro de 2018, publicou um artigo escrito por Cristiane Mano intitulado “Não basta contratar. É preciso incluir”, no qual destacou o sentido da diversidade inserida nos critérios corporativos das empresas, com uma cultura verdadeiramente inclusiva e permeável à participação coletiva de seus trabalhadores. Com a leitura temática oportunizada, a

¹ Gregor Samsa é o personagem principal da obra *A metamorfose*, que acorda certa manhã transformado em um inseto (Kafka, 2019).

entrevista realizada por Cristiane Mano expandiu o percurso de leitura crítica sobre as exigências atuais que o mundo do trabalho está lançando, rumo à compreensão de que a inclusão veio para (des)homogeneizar a ocupação das vagas ofertadas. Dessa forma, possibilita-se a ascensão a postos cada vez mais alternativos e de maior relevância (Mano, 2018).

O contexto do mundo do trabalho na atualidade vem exigindo que as empresas e os ambientes corporativos oportunizem espaços permeáveis às diferenças, trazendo à tona a inclusão como princípio articulador das relações sociais estabelecidas pelas práticas laborais. Para que estas se concretizem de forma efetivamente inclusiva, ainda é necessário atender à pauta da diversidade integrada à inclusão, cujo objetivo é diluir a homogeneidade ao promover a ascensão de grupos como mulheres, pessoas negras, pessoas com deficiência, entre outros, além de oportunizar ofertas de trabalho a pessoas com mais de 50 anos. Entre esses públicos, também se incluem os estudantes do Ensino Médio, que buscam estágios remunerados na esperança de se inserirem em ambientes de trabalho com carga horária compatível com o contraturno escolar.

Essa problemática, emergida da dinâmica das aulas do curso “Produções Textuais Interculturais”, ampliou a sistematização das práticas educativas, a exemplo do que Zabala (1998) denomina sequência didática. De acordo com o autor, trata-se de “[...] um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos” (Zabala, 1998, p. 18).

A sequência didática, para Silva, Catão e Silva (2020), representa uma, ou muitas, possibilidades de intervenção pedagógica, no que diz respeito a um ou mais conteúdos específicos que, ao serem discutidos em sala de aula, possibilitam ao aluno compreender temas considerados complexos e/ou difíceis. O trabalho pode ser entendido como um desses temas que, do ponto de vista do senso comum, pode parecer fácil, mas, para além disso, é menos simples do que aparenta. No dia a dia, as pessoas têm ou buscam um trabalho, mas poucos conhecem suas interdependências com o mundo.

O princípio e o fim da sequência didática desenvolvida foi tentar alcançar uma certa compreensão do trabalho e do homem contemporâneo em face de uma sociedade dinâmica, flexível e líquida. Os questionamentos levantados pelos estudantes articulavam-se sobre o que o futuro lhes promete, sobre quais profissões e cursos de graduação eles deveriam procurar, e se trabalhar por meio de plataformas seria o melhor caminho ou se cursar uma graduação ou optar por um curso técnico ainda valeria mais a pena. Uma das afirmações mais provocativas surgiu quando um estudante escreveu em sua produção textual: “Quando eu terminar o Ensino Médio, eu vou dar um jeito de conseguir um carro e trabalhar como Uber. Dá mais dinheiro, e eu não tenho patrão nem fico preso em um lugar”, entre tantas outras.

As aulas da sequência didática foram planejadas a partir dessas questões geradoras, e seu desenvolvimento pode ser observado conforme disposto no Quadro 1.

Quadro 1 – Leituras interculturais do mundo do trabalho

Aula	Indicativos de leitura	Desenvolvimento das aulas e identificações temáticas interculturais
1	Projeção cinematográfica: “Você não estava aqui” (2019).	Projeção do filme tema dos diálogos das rodas de conversa com reflexões voltadas para as impressões sobre os sentidos do trabalho.
2	Busca sistemática de documentários sobre o mundo do trabalho.	Identificações na plataforma <i>YouTube</i> de documentários voltados ao mundo do trabalho.
3	Oficinas sobre gêneros textuais em Língua	Fundamentações intertextuais envolvendo diferentes

Aula	Indicativos de leitura	Desenvolvimento das aulas e identificações temáticas interculturais
	Portuguesa e Língua Espanhola.	gêneros textuais, verbais e não verbais com ênfase na compreensão do mundo do trabalho e suas aplicações ao cotidiano vivido dos estudantes. Análise linguística e intercultural das produções textuais.
4	Elaboração de <i>Curriculum Vitae</i> .	Exposição e estruturação de modelos de <i>Curriculum Vitae</i> .
5	Identificação de diferentes gêneros textuais. Análise e audição da música “Cidadão” (1992), interpretação: Zé Ramalho.	Releituras filosóficas e sociológicas da inserção profissional e das contradições econômicas no contexto brasileiro.
6	Leitura crítica da Cartilha Antirracismo e sua aplicabilidade e formação identitária no ambiente corporativo.	Levantamento das incidências de preconceitos e erradicação de palavras e expressões racistas do universo vocabular voltado para o cenário profissional com Indicativos da Educação em Direitos Humanos (EDH).
7	Pesquisa: Profissões do passado e do futuro; Roda de conversa: inglês como língua franca.	Pesquisa sobre as profissões antigas e novas e suas amplitudes, tendo em vista a importância de conhecer e aprender um segundo idioma.
8	Reflexões sobre a Feira de Profissões da UEPG, a partir do levantamento dos cursos articulados e as áreas de interesse dos estagiários.	Mapeamento dos diferentes cursos ofertados pela Universidade Estadual de Ponta Grossa.
9	Leitura temática da entrevista “Não basta contratar. É preciso incluir” (Mano, 2018). Ponderações sobre as exigências atuais do mundo do trabalho e a inserção de funcionários mais jovens.	Implementações da cultura inclusiva e permeável às diferenças mediante perspectivas da diversidade nos critérios e nas atividades laborais.
10	Sistematização dos mapas mentais sobre os conteúdos trabalhados com inspiração sociológica e filosófica nesta sequência didática.	Avaliação diagnóstica dos indicativos vocabulares para a visualização dos mapas mentais individuais a respeito das atividades desenvolvidas. Contextualização dos Itinerários Formativos e dos projetos de vida dos estagiários do Novo Ensino Médio.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A valorização do cenário extensionista mobilizou o delineamento ético das produções textuais interculturais que originaram as abordagens filosóficas e sociológicas descritas a partir da sequência didática realizada. As escolhas feitas constituíram o percurso desenvolvido, que também favorece a oportunidade de publicizar as contribuições e reflexões que os ambientes extensionistas potencializam – inclusive para a prática da compreensão de gêneros textuais diversificados.

Cabe ainda apontar que os princípios éticos foram considerados durante a execução da atividade de extensão e, dessa forma, consubstanciados na elaboração dos relatórios extensionistas da UEPG. Nesse contexto, Carvalho (2021, p. 67) afirma:

A função da ética na publicação científica é corolário do fato de que não há sociedade nem comunidade de normas perfeitas. Do contrário, a ética seria desnecessária como práxis de escolhas existenciais, de compartilhamentos existenciais, de ensejo de valoração e de vínculos almejados. Somente é ética, então, a publicação científica que elabora sobre si a relação constante entre seu vínculo com o fazer ciência e o ato de publicizá-la sob o coeficiente de seus sentidos comunitários.

É nessa dimensão dos sentidos comunitários que a caminhada extensionista se concretiza, e, também, se constroem os vínculos com o “fazer ciência” e a oportunidade de “publicizá-la”, deflagrando os contornos éticos aqui delineados.

Resultados e discussão

O desenvolvimento da sequência didática com os estudantes teve como ponto de partida a reflexão sobre o mundo do trabalho na contemporaneidade, suas transformações e seus impactos na vida cotidiana. Além disso, os estudantes realizaram pesquisas sobre profissões em ascensão e participaram da Feira de Profissões da UEPG, ampliando suas perspectivas sobre o futuro acadêmico e profissional. As atividades culminaram na produção de mapas mentais e rodas de conversa, evidenciando o engajamento dos participantes em torno do amadurecimento, visando suas futuras escolhas e inserções profissionais.

A partir da exibição do filme *Você não estava aqui*, foram levantadas discussões sobre a precarização do trabalho autônomo e seus efeitos sociais, revelando os dilemas da vida de Rick Turner², um entregador autônomo que se divide entre um trabalho de tempo integral – sem garantias, sem estabilidade e com ausência de contato com sua própria família –, em meio a um caos financeiro. No filme, ele tem um trabalho no qual o indivíduo “faz o seu próprio salário” (Você não estava aqui, 2019). Durante a sessão, os estudantes reconheceram as causas e os efeitos do trabalho autônomo, relacionando-o às experiências e escolhas de seus pais e familiares.

A dureza do filme comoveu os estudantes, e um deles conseguiu relacionar Ricky, o personagem trabalhador, com Gregor Samsa, de *A metamorfose*. Os estudantes relataram conhecer pessoas do seu círculo familiar que passam por situações semelhantes e afirmaram que não gostariam de enfrentar aquele tipo de vida no futuro. Quando perguntados sobre os sentimentos que o filme despertou, as respostas foram bastante semelhantes: todos manifestaram angústia, sofrimento e, também, esperança por um final feliz.

No decorrer das práticas, os estudantes realizaram uma busca sistemática de documentários sobre o mundo do trabalho em plataformas digitais, especialmente no *YouTube*. Eles realizaram pesquisas sobre profissões, muitas das quais estão desaparecendo do mercado de trabalho e, em um futuro breve, algumas profissões passarão a fazer parte da vida dos indivíduos, exigindo novas formações. Nessa busca, os estudantes conseguiram encontrar muitas respostas e se mostraram motivados a discutir sobre a temática. As profissões ligadas à tecnologia são aquelas que despertam maior interesse dos estudantes. Eles relataram as suas dificuldades, as limitações da escola pública no ensino da oralidade, que é a competência que mais lhes interessa, e da vontade que todos têm em aprender no futuro.

A participação de acadêmicos do curso de Letras Português/Espanhol dinamizou uma oficina que oportunizou práticas de leitura e escrita de diversos gêneros textuais. Dos quadrinhos à publicidade, do texto verbal ao não verbal, os estudantes aprenderam a identificar os diferentes tipos de texto, seus propósitos, suas formas, e os lugares onde eles devem ser ou são socializados.

A partir da leitura de anúncios de emprego, os estudantes chegaram a um termo que não fazia parte de seu vocabulário: *Curriculum Vitae*. Com base nos conhecimentos adquiridos durante a oficina de gêneros textuais, os estudantes puderam identificar diversos modelos de currículos e aprenderam a preencher um, selecionado por eles, com todas as informações corretas – elaborando, assim, seus próprios currículos.

A compreensão das contradições do mundo do trabalho também foi construída por meio da leitura e audição da música *Cidadão* (1992), de autoria de Lúcio Barbosa e interpretada por Zé Ramalho. Aos estudantes foi lançada a questão: Que homem é esse cantado e representado na música? As respostas mais comuns foram: um homem pobre, um trabalhador, um injustiçado, um pai de família, um assalariado. Em seguida, perguntou-se: O que é ser um cidadão? A questão gerou muitas dúvidas e um novo desafio surgiu, pois nenhum dos estudantes afirmou conhecer ou saber

² Personagem principal do referido filme.

exatamente o que é a Constituinte brasileira, tampouco ter acessado o texto da Constituição Federal de 1988. Diante da imprevisibilidade das respostas, a aula foi adaptada e os estudantes assistiram ao primeiro episódio da série *Brasil em Constituição*, veiculada no *Jornal Nacional*, que apresenta os princípios básicos da Carta Magna ao grande público. Como atividade extraclasse, foram enviados os *links* dos episódios seguintes para que eles pudessem ampliar seus conhecimentos sobre a temática.

O curso “Produções Textuais Interculturais”, atualmente em sua terceira edição, tem contribuído para a formação de jovens estudantes ao longo dos últimos anos e segue buscando articulações entre teorias do conhecimento e as práticas do cotidiano desses estudantes. O curso conta com a participação significativa de jovens acadêmicos da área de Letras da UEPG. Muitos desses universitários estão inseridos no mercado de trabalho, cursam graduação e possuem pequenos negócios próprios, compartilhando suas trajetórias estudantis e profissionais com os estudantes do curso. Ainda, participaram cinco ex-alunos que compartilharam suas experiências e a preparação para o mercado de trabalho. Foram tematizadas a formação continuada, a flexibilidade e a dinâmica do mundo do trabalho. Os participantes receberam pequenas “dicas” de como se tornar empreendedores, além de conhecerem os requisitos básicos para buscar apoio e subsídios para iniciar um novo negócio. Como curiosidade integradora da temática e para ampliar a compreensão dos sentidos da atuação profissional, os estudantes relataram que conheciam – e, ocasionalmente, assistiam – ao programa televisivo *Pequenas Empresas & Grandes Negócios*³.

A Feira de Profissões da UEPG trouxe aos estudantes uma frente de ampliação do conhecimento sobre o lugar e o espaço onde eles trabalham e, também, puderam conferir os cursos que a universidade oferece à comunidade em geral. Cabe destacar que, muito embora os estudantes estivessem atuando como estagiários na própria universidade, alguns deles não faziam ideia do que seja, de fato, uma universidade, qual a sua função, como ingressar nela, considerando a sua relevância social, pois a maioria deles desconhecia a sua gratuidade. Convém ressaltar que os estudantes participaram da Feira voluntariamente e tiveram a oportunidade de analisar o que é a UEPG e o que ela pode oferecer. O lugar em que eles trabalham tornou-se um indicativo de projeto de vida.

Seus relatos foram, aos poucos, sendo substituídos por movimentos e expressões de curiosidade, de dúvidas, de certezas momentâneas e de trocas de opiniões, à medida que passavam pelos balcões de informação da Feira de Profissões da UEPG. Eles entraram em contato com uma universidade dinâmica, que passou a fazer mais sentido, criando a possibilidade real de uma futura inserção acadêmica – afinal, trata-se de uma universidade pública.

Na continuidade das reflexões interculturais, também esteve presente a complexidade da temática do racismo e da inclusão, abordadas a partir de questões que passam a compor a agenda do cenário contemporâneo. O mundo globalizado pode produzir o que Bauman (2005) chamou de “refúgio do mundo”, ou seja, os que não trabalham, os inválidos, os marginalizados – em geral, aqueles que vivem além da margem por razões multifatoriais. Contudo, eles existem, estão na escola, no cotidiano da cidade, e buscam sua ascensão pessoal com os direitos constitucionais preservados. Os estudantes demonstraram atitudes positivas diante da possibilidade de trabalhar e/ou conviver com a diferença.

Os estudantes tiveram a oportunidade de repensar e revisitar, por meio de suas memórias e anotações, todo o percurso que os levou até esse encontro final – desde o texto que provocou a sequência didática até o mapeamento das ofertas da Feira de Profissões da UEPG. Eles relataram

³ Programa semanal veiculado pela Rede Globo de Televisão, exibido aos domingos, às 7 horas e 30 minutos, com duração de 40 minutos.

suas impressões e apresentaram, individualmente, o que consideraram como pontos significativos da sequência de aulas; sugeriram novas direções; leram textos uns dos outros e, finalmente, produziram um mapa mental para mostrar – ou materializar, verbal e/ou imageticamente – todas as informações recebidas, o conhecimento construído, as relações e as articulações entre as atividades propostas, sobretudo aquelas que apresentaram o trabalho e o homem nessa configuração líquida do século XXI.

Os estudantes demonstraram muita confiança e motivação em relação às temáticas levantadas e estudadas ao longo do processo formativo, por meio de falas e posicionamentos bastante distintos daqueles manifestados no início do percurso. Os mapas mentais funcionaram como vetores para novos questionamentos, materializando o aprendizado construído. E, diante do encerramento da sequência didática, os estudantes perguntaram: “E agora, qual o próximo desafio?”.

Considerações finais

O trabalho e a educação desempenham papéis centrais na sociedade contemporânea. Discutir a centralidade de tais fenômenos com jovens estudantes do Ensino Médio torna-se essencial e relevante. Zygmunt Bauman elaborou e desenvolveu, por meio de muitas obras, a ideia de um mundo, de uma sociedade, da vida, do medo, do amor, do tempo, do capitalismo na perspectiva líquida, em contraposição a uma solidez pretérita. De modo geral, o autor fez uma leitura do mundo em plena transformação, no calor do momento e correndo o risco de errar; no entanto, os conceitos e a sua forma de pensar e sentir o mundo mostraram-se oportunos. A complexidade do mundo requer modos complexos de lê-lo, interpretá-lo e, principalmente, novas formas – não menos complexas – para superar as diferenças produzidas por uma globalização que minora a importância do local. Suas obras contribuem para o debate com jovens estudantes, na medida em que apresentam uma linguagem acessível para interpretar o mundo atual.

O trabalho e a educação são fenômenos sociais que sofrem diretamente os impactos dessa liquidez. Na sociedade líquida, tudo é temporário. Nada é permanente. Bauman (2001, 2004, 2007a, 2007b, 2008, 2021) dá a entender que toda e qualquer permanência, no atual estágio da vida, é, sobretudo, complexa. Os nascidos em tempos líquidos (Bauman; Donskis, 2019) têm pela frente desafios distintos dos nascidos na sociedade sólida, mas não menos complexos.

A sequência didática esteve organizada com aulas teóricas e práticas, com o objetivo de ajudar os estudantes a compreenderem a presença do trabalho e do homem no mundo que se caracteriza pela liquidez. As aulas contaram com a participação de convidados, aulas de campo, rodas de conversa e a construção de mapas mentais, contribuindo para a formação dos jovens estudantes que, em pouco tempo, estarão do lado de fora dos muros da escola.

O conjunto de aulas vivenciadas e experienciadas pelos estudantes tentou romper com o discurso ventilado pelas redes sociais de que o indivíduo pode ser seu próprio patrão. Os estudantes viram, pelos filmes, documentários e reportagens, uma perspectiva diferente – uma vida menos idealizada –, realizando uma articulação entre os conhecimentos abordados.

Os estudantes também puderam conhecer, por meio do uso da tecnologia, a página oficial da Agência do Trabalhador, onde eles tiveram a oportunidade de aprender a realizar um cadastro, tendo em vista futuras vagas de trabalho. No encontro com ex-participantes do curso que estão no mercado formal de trabalho, seja no comércio, seja na indústria, descobriram a importância da formação continuada e como podem se tornar padrões com responsabilidade e ética. Tomaram consciência da fluidez das profissões que, históricas, podem simplesmente desaparecer em face das

mudanças velozes do mundo atual e perceberam como um segundo idioma pode ampliar o seu leque de opções e visão de mundo. Também conheceram cursos e possibilidades de um futuro acadêmico e profissional diferente daquele que conheciam.

A realização da sequência didática mostrou-se eficiente ao provocar os estudantes a pensar sobre o trabalho e o homem no contexto da sociedade líquida. Eles compreenderam que o caminho labiríntico que se coloca à frente requer caminhantes responsáveis, éticos, motivados e em sintonia. Para interpretar o mundo do trabalho, é necessário compreender Bauman e Donskis (2019), pois, no mundo dos nascidos em tempos líquidos, estes precisam estar preparados para enfrentar o que vier, porque fazem parte da mudança que o mundo precisa.

Na atividade de extensão relatada, foi possível perceber que os nascidos em tempos líquidos vivem em situação complexa, principalmente porque tudo flui e a ideia de certeza se desvanece. E, ao mesmo tempo, estão presentes as necessidades de sobrevivência e de inserção em um mercado de trabalho igualmente flutuante, no qual muitas das profissões almejadas dão sinais de inadequação às novas imposições da sociedade. Eis mais um desafio para esses jovens...

Este estudo foi uma investigação exploratória definida a partir de uma sequência didática presente em uma ação extensionista e se caracterizou como uma pesquisa-ação com um grupo de jovens estudantes e estagiários de Ensino Médio, podendo servir como base para novos estudos com diferentes grupos e faixas etárias, visto que discutir práticas educacionais e apresentar novas perspectivas aos estudantes se faz necessário.

Por fim, cabe registrar o sentido da Pedagogia do Estar-Junto com estudantes do Ensino Médio que, em breve – e de acordo com suas caminhadas acadêmicas – haverão de trilhar pela Educação Superior em movimento às suas chegadas ao mercado e ao mundo do trabalho. Como resultado, esta caminhada extensionista está prevista como um percurso articulador entre o ensino, a pesquisa e a extensão, ao observar os sentidos atribuídos ao trabalho que estudantes de Ensino Médio conseguem captar ao sentirem o movimento poroso e fluido da sociedade hodierna.

Referências

ALGEBAILLE, E. **Escola pública e pobreza no Brasil**: a ampliação para menos. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2009.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Z. **Vidas desperdiçadas**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007a.

BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007b.

BAUMAN, Z. **Medo líquido**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentglen. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2021.

BAUMAN, Z.; DONSKIS, L. **Mal líquido**: vivendo num mundo sem alternativas. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2019.

BAUMAN, Z.; LEONCINI, T. **Nascidos em tempos líquidos**: transformações no terceiro milênio. Tradução: Joana Angélica D'Ávila Melo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2018.

BAUMAN, Z.; MAY, T. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

BRASIL. Lei n.º 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 187, p. 3, 26 set. 2008.

BRASIL. Medida Provisória n.º 746, de 22 de setembro de 2016. Institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral, altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e a Lei n.º 11.494 de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: edição extra, seção 1, Brasília, DF, n. 184-A, p. 1-2, 23 set. 2016.

BRASIL. Lei n.º 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis Nos 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei no 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei no 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 35, p. 1-3, 17 fev. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a base. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Lei n.º 14.945, de 6 de abril de 2024. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para dispor sobre a organização do ensino médio. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 66, p. 1, 8 abr. 2024.

CARVALHO, A. F. Ética na publicação científica. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO (ed.). **Ética e pesquisa em educação**: subsídios. Volume 2. Rio de Janeiro: ANPED, 2021. p. 63-70.

CERTEAU, M. **A cultura no plural**. Campinas: Papirus, 2012.

CIDADÃO. Intérprete: Zé Ramalho. Compositor: Lúcio Barbosa. In: FREVOADOR. Intérprete: Zé Ramalho. São Paulo: Columbia/Sony Music, 1992. 1 CD, faixa 6.

GUIMARÃES, C. Um novo ensino médio de novo. **Revista Poli: saúde, educação e trabalho**, Rio de Janeiro, n. 98, p. 2-8, jan./fev. 2025.

KAFKA, F. **A metamorfose**. Tradução: Petê Rissatti. Rio de Janeiro: Antofágica, 2019.

MANO, C. Para a VP de inclusão da Dow, “Não basta contratar. É preciso incluir”. **Revista Exame**, São Paulo, n. 23, p. 106-108, dez. 2018. Disponível em: <https://exame.com/revista-exame/nao-basta-contratar-e-preciso-incluir/>. Acesso em: 21 jul. 2025.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. 3. ed. Campinas: Cortez, 1996.

PORCHEDDU, A. Zygmunt Bauman: entrevista sobre a educação: desafios pedagógicos e modernidade líquida. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 137, p. 661-684, maio/ago. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742009000200016>

PRENSKY, M. Civilization-level change in Education from “improving individuals” to “bettering their world”. **OEB Insights**, [j. l.], jun. 2017. Disponível em: <https://oeb.global/oeb-insights/civilisation-level-change-in-education-from-improving-individuals-to-bettering-their-world/>. Acesso em: 21 jul. 2025.

PRENSKY, M. What the world needs from education. **Medium**, [j. l.], maio 2019. Disponível em: <https://marcprensky.medium.com/what-the-world-needs-from-education-b7cef2f69b2e>. Acesso em: 21 jul. 2025.

SILVA, A. A. T.; CATÃO, V.; SILVA, A. F. A. Análise de uma sequência didática investigativa sobre estequiometria abordando a química dos sabões e detergentes. **Revista Prática Docente**, Confresa, v. 5, n. 2, p. 1256-1277, maio/ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.23926/RPD.2526-2149.2020.v5.n2.p1256-1277.id736>

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez & Autores Associados, 1988.

THOMSON, A. B. A. **Humanismo e didática: contribuições para o ensino e a aprendizagem da História**. 2022. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

VOCÊ não estava aqui. Direção: Ken Loach. Produção: Rebecca O'Brien e Pascal Caucheteux. Intérpretes: Kris Hitchen, Debbie Honeywood, Rhys Stone. Roteiro: Paul Laverty. Reino Unido: Sixteen Films & BBC Films, 2019. 1 DVD (100 min).

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Recebido em 15/02/2025

Versão corrigida recebida em 19/07/2025

Aceito em 22/07/2025

Publicado online em 04/08/2025